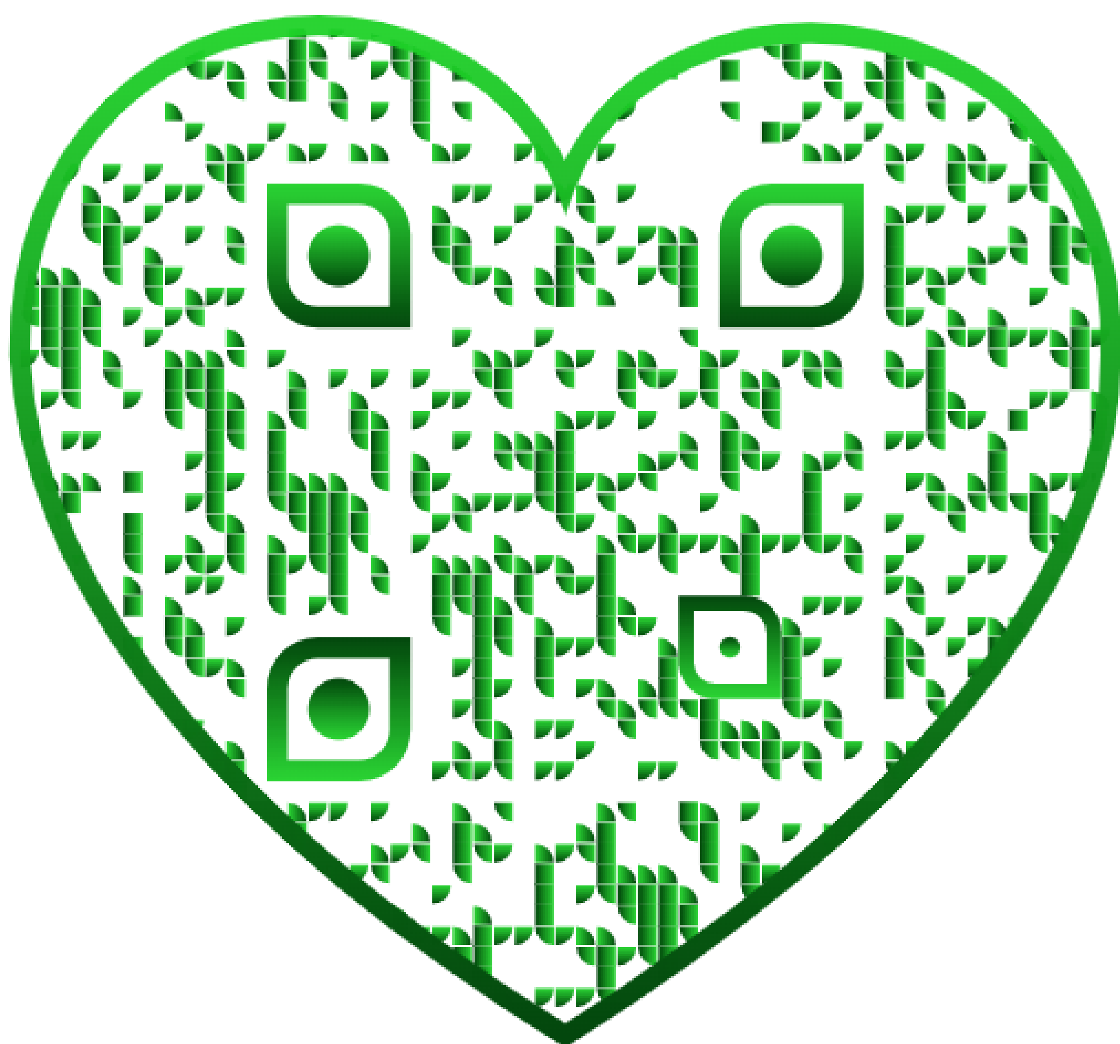
Cadernos de História
Memorial do RS
Elma Sant'Ana

Bento e Garibaldi na Revolução Farroupilha



Governo do Estado do RS – Germano Rigotto



Secretaria Estadual da Cultura – Roque Jacoby
Memorial do Rio Grande do Sul – Voltaire Schilling e Luiz Alberto Gusmão

UMA LENDA FRENTE À OUTRA

GARIBALDI x BENTO

Giuseppe Maria Garibaldi nasceu em 4 de julho de 1807. Bento Gonçalves da Silva, o Grande Titã, nasceu em 23 de setembro de 1788, ou seja, excedia em 19 anos o Herói de Dois Mundos e era fisicamente mais avantajado, nascido e criado no lombo do cavalo. É o próprio Garibaldi que diz, em suas "Memórias", que só houve um cavaleiro melhor que Bento Gonçalves, que foi Antônio de Souza Netto. Bento também foi um grande espadachim, como provou na adolescência, vencendo em duelo um façanhudo valentão de Triunfo e, mais tarde, aos 54 anos, vencendo em duelo franco e leal, um gigante com 48 anos de idade, que foi Onofre Pires. Como nadador, suas façanhas em torno do Forte do Mar, na Bahia de Todos os Santos, e a sua própria fuga são suficientes para provar seu alto grau atlético. A sua serenidade e coragem são sempre exaltadas por Garibaldi e os outros que viram a guerra pelo lado de dentro. A única crítica de Garibaldi a Bento Gonçalves é um elogio: o italiano critica no gaúcho a sua hesitação em derramar sangue de irmãos.



Garibaldi

Garibaldi, como atleta, titão que emergiu das ondas como um ser mitológico, já mereceu de escritores de todo o mundo os maiores elogios. Era um nadador perfeito, espadachim emérito, um homem que brotou das águas para comandar outros homens e que, ao encontrar na América do Sul guerreiros que dominavam um instrumento bélico que ele não conhecia - no começo da sua atuação entre os Farrapos passou vergonha -, levou queda de cavalo e foi amavelmente ridicularizado pelos seus novos companheiros. O cavalo foi, assim, uma grande e, afinal, definitiva surpresa para Garibaldi. Marsala, todos sabem, incorporou-se naturalmente ao mito garibaldino. Mas nos primeiros tempos em Piratini, diante de uma queda do italiano no meio daqueles centauros farroupilhas, os trovadores glosavam:

"Garibaldi foi à missa
a cavalo e sem espora
o cavalo tropeçou
Garibaldi pulou fora..."

ZAMBECARI, GARIBALDI, ROSSETI E BENTO.

O Conde da Casa de Bolonha, Lívio Zambeccari, de frágil saúde, mas impressionante ânimo de luta, era o homem do momento para os mazzinianos. Foi dele a idéia de levar alguns de seus seguidores mais visados para o "fim do mundo", nessa época.

Lívio Zambeccari - não se diga mais *Tito Lívio Zambeccari* – era, pelo "*Network*" da maçonaria, aquele que travara conhecimento com o mais prestigioso militar do sul do Brasil - O Coronel Bento Gonçalves da Silva, do Rio Grande do Sul, comandante de fronteira, militar oriundo das milícias, ou seja, feito pelas armas e que ganhava, eventualmente, galardões por bravura, mas jamais títulos e terras reservados aos militares de primeira linha oriundos do exército real português ou filhos destes. E mais: com a chegada da maçonaria e do espírito republicano, estes oficiais, sob a liderança inconteste de Bento Gonçalves, ingressaram quase todos na Maçonaria e na República, gerando não pequenos atritos entre as corporações de fronteiras, muitas vezes comandadas com regras muito flexíveis por oficiais que eram simples caudilhos poderosos, muitas vezes grandes criadores de

gado.

A 20 de setembro de 1835, explode uma revolução na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Os liberais, liderados por Bento Gonçalves da Silva, contra os conservadores, que tiveram vários chefes ao longo dos dez anos que durou a luta armada. Depois de um ano de revolução intransigente dos liberais apelidados de farroupilhas ou farrapos, contra os conservadores, apelidados de camelos ou caramurus, os farroupilhas desistiram da paz e proclamaram a República, separando o Rio Grande do Sul do Brasil, com o nome de República Rio-Grandense. Tentando, assim, ao longo de nove anos, organizar a estrutura de uma nação independente republicana, assolada por muitos problemas, mas cheia de bravura, tratando de realizar um Estado completo com os serviços públicos, o exército e a marinha, porque os tempos eram de guerra. Aí é que entra Garibaldi.

Zambeccari força a aproximação de Luigi Rossetti com o herói preso no Rio de Janeiro, depois de uma desastrada batalha perto de Porto Alegre, na Ilha do Fanfa, em que foi traído por um antigo comandado seu e instado por Zambeccari, com o entusiasmo de Rossetti e a cobertura certamente de Mazzini, na Itália, Garibaldi concorda em receber da nova república do sul a "carta de corso”, ou seja, uma autorização oficial de uma nação a realizar ataques, ações de guerra contra qualquer embarcação da outro nação inimiga - no caso, o Império do Brasil. Está nascendo, nesse momento, Garibaldi como corsário.

O ESTALEIRO DE CAMAQUÃ

A República possuía um pequeno estaleiro, na foz do Rio Camaquã, usado para a construção de barcos para futuros combates. De acordo com as sugestões de Domingos José de Almeida, resolveu-se que Garibaldi deveria organizar um corso nas águas interiores. Afinal, Garibaldi era um homem do mar e deveriam aproveitar a sua experiência. Para lá, dirige-se Garibaldi. Improvisa marinheiros e reúne italianos aventureiros de toda a laia, um norte-americano, *quaker* da Virgínia, chamado John Griggs, ex-escravos e gaúchos de bota e espora. Mas tem que improvisar, também, armadores e carpinteiros. Como não tem barcos, vê-se obrigado a fabricá-los, com toda a precariedade de recursos que a República Riograndense lhe oferece.

É aqui, verdadeiramente, que começa a brilhar o seu gênio que, mais tarde, assombrará o mundo. Constrói e arma dois lanchões de guerra e faz prodígios, operando nas águas rasas da Lagoa dos Patos, pondo em xeque a poderosa esquadrilha imperial brasileira, comandada por um experiente almirante inglês, chamado John Pascoe Grenfell, mercenário a serviço da Corte no Rio de Janeiro.

Conseguiu do Governo que Luigi Rossetti fosse a Montevidéu, a fim de buscar a ajuda de Carniglia e outros profissionais indispensáveis. Após algumas semanas, tinha completa a equipagem de mestres e operários. Vieram alguns marinheiros de Montevidéu e outros foram recrutados pelas redondezas.

Em 1º de setembro de 1838, Giuseppe Garibaldi é nomeado capitão-tenente, Comandante da Marinha Farroupilha.

Aparece o primeiro número do jornal oficial dos Farrapos - O POVO,
editado pelo jornalista italiano Luigi Rossetti, fiel companheiro de Garibaldi.

RUMO À TRAMANDAÍ

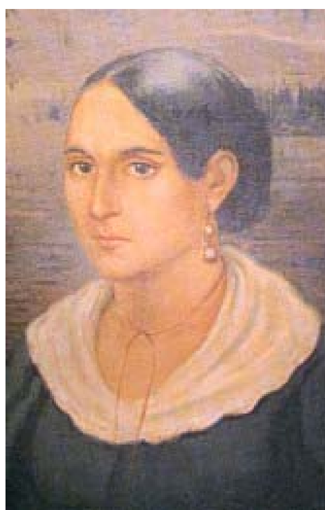
No dia 5 de julho, de 1839, Garibaldi remonta o pequeno rio Capivari, onde não podem manobrar os pesados barcos do Império, puxando sobre rodados para a terra os dois lanchões artilhados e, assim, transformando lanças de guerra em picanas. Assula juntas de bois, atravessando ásperos caminhos, através dos campos úmidos - em alguns trechos completamente submersos. Piquetes corriam os campos entulhando atoleiros. Outros cuidavam da boiada. Garibaldi vê "os moradores do lugar deleitarem-se com um espetáculo invulgar e bizarro: duas naves atravessando em carretas puxadas por duzentos bois, num espaço de 54 milhas ou dezoito léguas - e tudo isto sem a menor dificuldade, sem um mínimo acidente".

Levam seis dias até a Lagoa Tomás José, chegando, portanto, a onze de julho. Cada barco tinha dois eixos e, naturalmente, quatro rodas imensas, revestidas de couro cru. No dia 13, seguem, da Lagoa Tomás José, para a Barra do Tramandaí, sob o Oceano Atlântico e no dia 15, lançam-se ao mar, com sua tripulação mista: 70 homens - Garibaldi comanda o Farroupilha, com dezoito toneladas e Griggs, o Seival, com 12 toneladas. Ambos armados com quatro canhões de doze polegadas e eram de molde "escuna".

Em plena tormenta seu barco naufraga e ele vê, impotente e desesperado, amigos queridos e companheiros preciosos sendo tragados pelas ondas revoltadas com tamanha audácia. Garibaldi escapa a nado e com apenas o barco remanescente. Será parte decisiva na tomada da Província de Santa Catarina, secundado por mar, o exército *farrapo,* comandado por David Canabarro, onde brilhava a espada invicta de Joaquim Teixeira Nunes, o heróico e bizarro comandante dos lanceiros negros.

** Trinta náufragos. Dezesseis morreram. Entre eles, os seis italianos que estavam a bordo: Luigi Carniglia, Eduardo Mutru, Luigi Staderini, Nadonne, Giovanni e um sexto, que Garibaldi não se recorda do nome. "Peço perdão à pátria por havê-lo esquecido".*

O ENCONTRO COM ANITA



Em Santa Catarina, Garibaldi e os Farrapos proclamam, em 29 de julho de 1839, a República Juliana, na gloriosa imprudência de quem sonhava transformar todas as províncias do Império Brasileiro em Repúblicas autônomas, porém, federadas. Sua atuação e dos barcos imperiais, que tomou como presa de guerra e colocou sob o seu comando na campanha de Santa Catarina, foi notável em todos os aspectos, revelando-se mais que um simples comandante de barco de guerra, mas um verdadeiro almirante, capaz de traçar estratégia naval,

com uma visão abrangente do teatro de guerra, operando em conjunto com as forças terrestres. Então, numa tarde, da amurada de seu navio, viu uma jovem senhora, quase uma menina, que apanhava água numa fonte, porque se recusara, ao contrário do marido, a fugir para as montanhas, diante da fúria dos combates. Seu nome – ANA MARIA DE JESUS RIBEIRO, natural dos arredores de Laguna, uma brasileira típica, toda feita de aço e de seda, em cujo semblante nobre brilhavam dois olhos que podiam ser termos como de uma corsa e faiscantes como os de uma pantera. Garibaldi tem 32 anos, é alto, fortíssimo e alourado, com cabelos e barba crescidos. Pergunta-lhe o nome. Ela responde: "Ana". Ele diz, com ternura, talvez aludindo a sua pouca idade ou estatura: "ANITA". Pede-lhe água. Ela lhe dá de beber. É uma mulher pequena, mas forte, bela e atraente sem ser bonita. É extremamente jovem e audaz. Anita convida o guerreiro para tomar um cafezinho em sua casa, ato que em quase todo o Brasil é o símbolo da hospitalidade. A frase então pronunciada por Garibaldi, naturalmente em italiano, porque jamais aprendeu o português, foi: "Tu tens que ser minha". O amor foi imediato e fulminante. Perduraria sem estremecimentos nos poucos anos que viveram lado a lado. Por dez anos esse amor iluminou a História de dois continentes, igualando-se aos grandes romances da História universal. Garibaldi diminuiu carinhosamente o nome de sua amada - Ana, Aninha, ANITA em italiano, verdadeiro símbolo da mulher brasileira. Brava e terna, corajosa e apaixonada, valente e leal, realmente uma mulher à altura do homem da sua vida.



Estátua de Anita, no Centro Histórico de Laguna.

É muito importante salientar que aí, em Santa Catarina, findou efetivamente a carreira de Giuseppe Garibaldi como marinheiro e começou a sua brilhante trajetória como *condottiero.*



Museu conhecido como a Casa de Anita.

MARINHA CATARINENSE

Em 10 de agosto, ele é oficialmente nomeado Comandante em Chefe da Marinha Catarinense. Os Farrapos, não se cansam de elogiar a ação do jovem Capitão-Tenente. A popularidade do italiano é tanta que, em 21 de setembro, ele e Anita são padrinhos de um menino da família Ferreira, a quem ele batizou com o nome de Eduardo, homenageando seu grande amigo Eduardo Matru, afogado no naufrágio do Farroupilha.

Em 23 de outubro de 1839, com o objetivo de conseguir os mantimentos para a população civil, com Anita a bordo, sai a navegar, bordejando o litoral do Paraná e São Paulo.

No dia 3 de novembro, há o combate naval de Imbituba, nas costas de Santa Catarina, e Anita Garibaldi combate ao lado dos marinheiros com grande bravura. Ela está a bordo do Seival, que tem a bandeira de nau capitânea da pequena frota corsária.

Depois de abastecer a população civil e participa, contrariado, do saque da Vila de Imaruí, fiel à Monarquia, no dia 15, e comandando seis embarcações, Garibaldi enfrenta dezessete navios imperiais, na famosa batalha naval de Laguna, quando teve pela frente o Almirante Imperial Frederico Mariath. Anita luta bravamente. Inúmeras vezes, remando pequeno bote, atravessa o Canal da Barra, levando munição e coragem às tripulações sob o comando do herói. Na iminência de ser esmagado pela superioridade numérica do inimigo e tendo perdido cinco de seus comandantes, com a saída cortada para o mar, Garibaldi recebe ordem superior de queimar os seus seis navios e de juntar o que resta de suas tripulações ao exército de terra, que prepara a retirada de Laguna. A batalha naval de Laguna teve lances grotescos, com barcos se canhoneando, praticamente encostados. Pelo muito que se arriscaram, Garibaldi e Anita sobreviveram por milagre. O almirante Mariath, anos mais tarde, pela imprensa da corte, vai elogiar publicamente a coragem de Garibaldi e Anita.

Em 14 de dezembro, em plena retirada para o Planalto Catarinense, Garibaldi e Anita combatem, ao lado dos Farrapos, às margens do rio Pelotas, e terminam entrando vitoriosos em Lages. Garibaldi e Anita fazem parte de uma tropa de 120 infantes e 80 cavalarianos.

Em Lages, aclamados como heróis libertadores, os dois apaixonados vivem alguns dias de paz e intenso amor. Tudo indica que aí foi gerado o primeiro filho do casal: Domingos Menotti.

No dia 12 de janeiro de 1840, há o combate de Forquilhas, em Curitibanos, nas proximidades do rio Marombas, quando os Farrapos, em plena retirada, são derrotados. Anita cai prisioneira dos imperiais. Dizem-lhe que Garibaldi morreu em combate. Pouco depois, ela foge roubando um cavalo e atravessando a nado o rio Canoas, reencontrando o seu amado em Lages. Possivelmente grávida, havia cavalgado, corrido e nadado não menos de 80 km de mato, pradarias e rios.

Em março, os Farrapos voltam ao Rio Grande do Sul. Garibaldi e Anita vêm com eles.



Monumento à Garibaldi, à cavalo, na cidade de Garibaldi.

Em abril, Garibaldi toma parte no cerco a Porto Alegre e, em maio, na indecisa batalha de Taquari, de gigantescas proporções. Em 19 de junho de 1840, chega em Itapuã, o General Antônio de Souza Neto, Garibaldi e o ajudante de ordens, Major Barreto.

Em 16 de julho de 1840, acontece o ataque a São José do Norte.

Em 20 de setembro do mesmo ano, nasce o filho de Garibaldi e Anita, Domingos Menotti Garibaldi, em São Simão, na Comarca de Mostarda.

MAIS UMA RETIRADA

Em 25 de novembro, os Imperiais atacam Setembrina, nome que a República Rio-Grandense dava a Viamão. Na retirada dos Farrapos, morre, combatendo, o jornalista italiano Luigi Rossetti, o grande amigo de Garibaldi.

No começo de 1841, em pleno verão rio-grandense, o Exército Republicano viaja para o norte, por serras ínvias e cânions profundos. Garibaldi chega a ponto de improvisar, com um lenço de pescoço, uma tipóia para carregar o filho. Os sofrimentos são indescritíveis: a fome, o inimigo, o calor no meio da floresta tropical, o frio à noite, os mosquitos, as feras. Anita quase não tem leite para amamentar seu filho. Mas após tamanha odisséia, abandonando canhões e cavalhadas, conseguem atingir o planalto da Vacaria e, depois, com mais vagar e sem tragédias, infletem para o oeste, seguindo o divisor das águas que hoje é a Estrada Transmissioneira. Passam por Mato Castelhano e alcançam Passo Fundo e Cruz Alta. Em 15 de março de 1841, Giuseppe e Anita estão em São Gabriel, onde permanecem por algum tempo no novo acampamento farroupilha - sede da heróica República Rio-Grandense. Lá encontram Francesco Anzani que, segundo Garibaldi, foi o melhor soldado italiano que conheceu e a quem "a Legião Italiana de Montevidéu ficou devendo a sua organização de ferro".



Estátua de Garibaldi, em Laguna.

Em maio de 1841, Garibaldi não agüenta mais. Não vê futuro naquela república andarilha, que carrega o arquivo da nação na mesa das cartas e no lombo dos cavalos. O Império do Brasil cada vez coloca mais recursos no teatro de guerra.

G
A
RI
B
A
L
DI
S
E
D
E
S
P
E
D
E
D
A
R
E
V
O
L
U
Ç
Ã

A retirada para o Planalto da Vacaria (mapa de Tasso Fragoso)

O FARROUPILHA

O Presidente Bento Gonçalves da Silva dispensa Giuseppe Garibaldi do serviço de armas da República, pagando-lhe os soldos em atraso, com uma tropa de bois.



Bento Gonçalves

Grande guerrilheiro, mas péssimo tropeiro, Garibaldi perde animais ao longo da viagem, por extravio, roubo e vendas mal feitas. O gado é quase todo xucro, nas travessias de rios, principalmente no cruzamento do Rio Negro, perdem muitas cabeças de bois. Uma parte do rebanho foi entregue aos peões que os acompanhavam, como forma de pagamento. Chegando perto da fronteira com o Uruguai, o gado encontravasse abatido e magro pela grande tropeada. Garibaldi resolve, então, abater o restante, pagar os peões, que ainda o acompanhavam, e guardar o que havia sobrado: cerca de trezentos couros da sua manada inicial. Nas suas "Memórias", Garibaldi assim se refere à sua viagem a Montevidéu como tropeiro: "Na Estância de Curral de Pedras, após obter a autorização do Ministro das Finanças, consegui reunir em vinte dias, com muito sacrifício, cerca de novecentos animais que deveriam, com árdua tarefa, levar a Montevidéu, onde cheguei com apenas trezentas peças de couro. Obstáculos insuperáveis apresentaram-se pelo caminho, sendo o maior deles a enchente do Rio Negro, onde quase perdi toda a boiada. O rio que transbordou, a minha inexperiência como tropeiro e a desonestidade de certos mercenários responsáveis pela condução dos

animais, fizeram com que restassem somente quinhentas cabeças após a travessia do Rio Negro. Mas a longa estrada que ainda percorríamos e o pouco alimento que transportávamos, prejudicaram também a sua chegada a Montevidéu. Decidi, sem outra alternativa, matar os bois e retirar seu couro, deixando a carne aos corvos. Não havia outra maneira de agir."

Ao atravessar a fronteira com o Uruguai, Giuseppe Maria Garibaldi levava a futura Heroína dos Dois Mundos - Anita, um filho de oito meses, uma formação de guerrilheiro, uma boiada minguada e a sugestão de uma lenda.

Após 50 dias percorrendo, aproximadamente, 800km, Garibaldi chega a Montevidéu com a família. Estava encerrada sua participação na Revolução Farroupilha.



Despedida de Garibaldi.

Bibliografia

BOLDRINI, Ana. Il mito di Garibaldi nella letteratura del Rio Grande do Sul. Roma, Istituto Internazionale di Studi Giuseppe Garibaldi, 1993. (Quaderni Storiografici, 8)

CADORIN, Adílcio. Anita Garibaldi, a guerreira das repúblicas. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1999.
________. *Anita Garibaldi. Guerreira da Liberdade. Best Sellel; 2003, São Paulo.*

CANDIDO, Salvatore. Giuseppe Garibaldi; corsário rio-grandense 1837-1838. Trad. Maria Teresa Bassanesi. Porto Alegre, IEL; EDIPURGS, 1992.

CIOTTA, Antonio. *La Madalena e Museo Garibaldino. Milano, Italo Innocenti*, s.d. COLLOR, Lindolfo. Garibaldi e a Guerra dos Farrapos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977. (Retratos do Brasil, 107)

DUMAS, Alexandre. Memórias de Garibaldi. Trad. Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre, L&PM, 1998.

FRAGOSO, Augusto Tasso. A Revolução Farroupilha (1835-1845). Oficina Gráfica Emp. Almanak Laemmert, Ltda. Rio de Janeiro, 1939.

GARIBALDI, Anita. Anita Garibaldi; a mulher do general. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo, Martins Fontes, 1989. (Coleção Uma Mulher)

GARIBALDI, Érika. *Qui sostò Garibaldi; itinerari garibaldini in Italia. Roma, Istituto Internazionale di Studi Giuseppe Garibaldi; Fasano di Puglia, Schena* ed., 1989.

GARIBALDI, Erika. *Qui passò Garibaldi*. Cartilha do Rio Grande do Sul - AAF.

GARIBALDI, Érika & MASSA, Gaetano. *Garibaldi nell'a America Meridionale; Rio Grande do Sul. Roma, Istituto Internazionale di Studi Giuseppe Garibaldi*; 1988. (*Quaderni Storiografici*, 2)

MARKUN, Paulo. Anita Garibaldi, uma heroína brasileira. São Paulo, ed. SENAC, 1999.

MARTINS, Celso. Aninha virou Anita. Florianópolis, A Notícia, 1999.

RAU, Wolfgang Ludwig. As sucessoras de Anita Garibaldi; Marquesa Giuseppina Raimondi 1860; Dona Francesca Armosino 1880; apontamentos para a história privada do General José Galibaldi. Florianópolis, ed. do autor, 1987.

RUAS, Tabajara. A irmandade da costa. Porto Alegre, AAF; COPESUL 2000. (Os varões assinalados: um romance de cavalaria, 6)

______. A república de Anita. Porto Alegre, AAF; COPESUL 2000. (Os varões assinalados:um romance de cavalaria, 7

SABA, Maria Adis. *Anita Garibaldi; dentro e fuori del mito. Prefazione di Annita Garibaldi Jallet. Firenze, Assoianione Nazionale Veterani e Reduci Garibaldini, 1999. Supp. di Camicia Rossa, maggio-Iuglio* 1999, n. 2.

SANT' ANA, Elma. A cavalo, Anita Garibaldi; piquete Anita Garibaldi. Porto Alegre, AGE, 1993.

_________. Menotti, o Garibaldi brasileiro. Mostardas, Prefeitura Municipal, 1995.

__________. A Odisséia de Garibaldi no Capivali. Capivari do Sul, Prefeitura Municipal, 2002, Editora AGE.